

ELEIÇÃO

Moro busca figurino eleitoral

Atento ao voto feminino e evangélico, ex-juiz tenta ir além da bandeira anticorrupção. Mas falta um discurso econômico

» CRISTIANE NOBERTO

Personagem controverso da campanha eleitoral, o ex-juiz Sergio Moro procura escolher, em meio a ataques dos adversários, a equipe que o ajudará na corrida ao Palácio do Planalto. Conhecido pelo estilo reservado, o pré-candidato do Podemos tem se cercado de pessoas próximas ou com visibilidade discreta no meio político.

A ideia, segundo aliados de Moro, é formar uma campanha que consiga falar com todas as camadas da população, frisando o viés conservador do postulante ao Planalto. Pesa, ainda, na construção da candidatura, a estratégia para tornar o ex-juiz uma pessoa mais acessível. E, não menos importante, que consiga dialogar com a classe política, uma das mais atingidas nos tempos tempos que o ex-magistrado julgava as ações anticorrupção da Operação Lava-Jato.

Moro escolheu para a coordenação geral executiva Luis Felipe Cunha, amigo da época da advocacia. Assim como o ex-juiz, Cunha é professor de direito e estrepante na política. Tem um escritório de médio porte na capital paranaense, onde atua em causas relacionadas à defesa do consumidor e consultivo.

“Sei que não é uma missão nada fácil e encaro com muita dedicação e responsabilidade. Estamos falando de um projeto grandioso para mudar o país e trazer esperança de dias melhores ao povo brasileiro. Não podemos e não iremos errar”, frisou Cunha ao **Correio**.

Cabe a Luis Felipe escolher outros membros do núcleo da campanha. Um dos primeiros movimentos foi escalar o marqueteiro de Moro: o argentino Pablo Nobel. O publicitário presta serviços à M4, mesma agência responsável pela campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) em 2018. Nobel também integrou a OpenFilms, que produziu filmes para os governos petistas dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, entre 2003 e 2014.

Diálogo amplo

A formação do comitê de campanha ocorre paralelamente às andanças de Moro pelo país em busca de votos. O diálogo com o eleitorado feminino, por exemplo, tem como uma das colaboradoras-chave a presidente do Podemos, a deputada federal Renata Abreu (SP).

No sábado, Moro esteve no Primeiro Fórum da Associação Feminina de Combate à Corrupção, sob o tema “Um Brasil mais justo para as mulheres”, em São Paulo. O pré-candidato ouviu questionamentos sobre políticas públicas para as mulheres e soluções sobre o feminicídio. Prometeu dar atenção especial

Ana Claudia Graff



Nerli Resende (sentada) com Sergio Moro, em evento sobre políticas públicas para as mulheres: atenção a públicos específicos

a essas questões.

Membro do movimento Curitiba Contra Corrupção e uma das fundadoras do Acampamento Lava-Jato, Nerli Resende afirmou que Moro pareceu muito à vontade. “Ele foi descontraído, fez brincadeiras e comentou algumas questões que estão sendo conduzidas no programa de governo dele, inclusive para as mulheres chefes de família”, comentou ao **Correio**.

O ex-juiz também está atento a outras parcelas do eleitorado, como os evangélicos. “Dos pré-presidenciais, Moro foi o único que escalou um coordenador para núcleo evangélico da campanha, porque ele vê a importância do segmento. Não só por votos, mas importância para o crescimento do país”, afirmou Uziel Santana ao **Correio**.

Ex-presidente da Associação Nacional dos Juristas Evangélicos (Anajure), o coordenador pretende conversar com os principais segmentos evangélicos -- históricos, pentecostais e neopentecostais -- este último o mais dividido entre Moro e o presidente Jair Bolsonaro (PL). “Vamos trabalhar com todos”, garantiu Uziel.

Entre as conversas mais importantes, o colaborador relata o encontro entre Moro e o pastor RR Soares. Menciona, ainda, uma futura reunião com o dono da Igreja Universal, bispo Edir Macedo -- apoiador fiel de Bolsonaro.

Na articulação política, fazem parte do círculo de Sergio Moro colegas de partido e aliados de

Divulgação



Luis Felipe Cunha, coordenador de campanha: amigo antigo

longa data. Os senadores Álvaro Dias e Oriovisto Guimarães integram o Conselho Político do ex-juiz. O ex-coordenador da Lava Jato Deltan Dallagnol também é próximo.

O ex-procurador, no entanto, tem focado na campanha para deputado federal. Segundo aliados, ele está empenhado no esforço de construir um movimento apartidário para eleger 200 deputados “comprometidos com o

combate à corrupção, compromisso com a democracia e comparação política”.

Discurso econômico

Apesar do trabalho feito até aqui, a campanha de Moro enfrenta dificuldades. Uma das críticas mais frequentes é a fragilidade do discurso do candidato em relação a temas econômicos. No início da pré-campanha,

o ex-juiz ganhou visibilidade ao anunciar que estava se aconselhando com o ex-presidente do Banco Central Afonso Celso Pastore -- antagonista ao ministro da Economia Paulo Guedes. Contudo, o discurso do presidencial não tem convencido o mercado financeiro.

Na semana passada, em evento promovido pelo Grupo Voto, em São Paulo, a presidente do Podemos, Renata Abreu, foi indagada sobre o “algo a mais” de Moro, pois a agenda anticorrupção não seria suficiente para conquistar o eleitor.

Analistas ouvidos pelo **Correio** avaliam os pontos fortes e as fragilidades da campanha de Sergio Moro. Do ponto de vista econômico, “a candidatura do Moro considera fundamental manter equilíbrio macroeconômico com inclusão social responsável, além do combate à corrupção. Sergio Moro está querendo montar uma equipe, ao invés de concentrar só em uma pessoa”, avalia Carlos Pereira, pesquisador e professor da FGV EBAPE.

Paulo Lioiola, mestre em políticas públicas e analista da consultoria política Baselab, vê poucos chances de diálogo com os progressistas. Para ele, o ex-juiz não representa a terceira via, mas sim a segunda via do bolsonarismo. “A grande chance dele é surfar nas mesmas pautas que elegeram Bolsonaro em 2018, a aproximação com MBL. A estratégia é conquistar um certo público de opinião liberal que pode vir a trazer uma militância que ainda não existe”, destaca

Senadores vão à Procuradoria

Os senadores Alvaro Dias (PR), Oriovisto Guimarães (PR), Eduardo Girão (CE), Jorge Kajuru (GO), Flávio Arns (PR), Lasier Martins (RS) e Styvenson Valentim (RN) protocolaram, na Procuradoria Geral da República, um pedido para apurar o suposto abuso de autoridade por parte de Lucas Rocha Furtado, subprocurador do Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União.

Furtado tem questionado as atividades de Sergio Moro na iniciativa privada, após deixar o governo Bolsonaro. Na última semana, o subprocurador pediu o bloqueio de bens do ex-ministro da Justiça, como medida cautelar em uma suposta sonegação de impostos sobre os pagamentos recebidos pela consultoria americana Alvarez & Marsal.

Na representação encaminhada à PGR, os parlamentares do Podemos apontam que, além de Furtado não ser o responsável direto pela averiguação, teria ignorado normas e pareceres internos do Tribunal de Contas da União (TCU).

“As acusações contra Sergio Moro formam parte de uma latente e contínua estratégia de assédio judicial direcionado”, escreveram.

“Nenhuma autoridade pública pode abusar dos poderes que lhe tenham sido atribuídos para prejudicar ou beneficiar outrem ou por mero capricho ou satisfação pessoal. E uma atitude tão idiossincrática como a relatada só pode representar o cúmulo da personalidade”, frisaram à PGR.

Recentemente, Bruno Dantas escreveu em seu Twitter que a ré-gua da Justiça “não muda de uma hora para outra”. Ao **Correio**, o ministro afirmou que a investigação está pendente de julgamento, mas que examinou os argumentos apresentados por Lucas Furtado e tinham elementos pertinentes. “No caso dos autos, posso afirmar que examinei fundamentadamente cada requerimento dos dois membros do Ministério Público que protocolaram peças processuais. Entendi que muitos pedidos eram pertinentes e outros não, o que é da dinâmica processual”, afirmou.



As acusações contra Sergio Moro formam parte de uma latente e contínua estratégia de assédio judicial direcionado

Trecho da representação de senadores encaminhada à PGR

ESQUERDAS

Ciro ataca aliança impositiva de Lula

Ao comentar a formalização da aliança entre o PSD e o PDT para as eleições estaduais no Rio, selada no último dia 2, o pré-candidato do PDT à Presidência da República, Ciro Gomes, acusou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de “despolitizar” o debate eleitoral e de “destruir” partidos aliados, como PSOL e PSB, na formação de alianças regionais para as eleições gerais de outubro.

O pré-candidato esteve ontem no Rio de Janeiro, onde se encontrou com o prefeito Eduardo Paes (PSD). Ciro disse que gostaria de ter o apoio do partido liderado por Gilberto Kassab no plano nacional, mas esperará por uma decisão.

“O Brasil está vivendo um plebiscito, em que a força dominante, na proporção de 70% a 80%, é

contra (o presidente Jair) Bolsonaro. E o Lula está tentando que a questão seja só essa, quando a questão não é só essa”, disse Ciro.

“Derrotar o Bolsonaro é uma questão gravíssima, urgente, imediata, mas mais grave do que ela é o que pretendemos colocar no lugar da terra arrasada que vai ficar. Nesse sentido, o Lula tem despolitizado o debate de forma muito perigosa”, alertou o pedetista.

Segundo o pré-candidato, o PT errou porque, ao longo de quatro mandatos, não mudou instituições nem ofereceu uma estratégia para fazer o país voltar ao crescimento econômico e ao desenvolvimento.

A aliança entre PDT e PSD no palanque fluminense foi costurada por Paes e pelo presidente nacional do PDT, o ex-ministro

Carlos Lupi. A aliança se dá em torno dos nomes do ex-prefeito de Niterói (RJ) Rodrigo Neves (PDT) e do ex-presidente nacional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) Felipe Santa Cruz (PSD). A definição de quem encabeçará a candidatura a governador ficará para depois.

Ciro acusou Lula de “destruir” partidos aliados na formação dos palanques regionais ao ser questionado sobre como ficará a divisão do palanque no Rio entre a sua candidatura e a do PSD. Kassab tem repetido que pretende ter o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), como candidato ao Planalto.

“No Rio, fizemos um entendimento que é local, não tem a ver com a questão nacional, ainda”, afirmou Ciro. “Ele (Paes) pertence a um partido que tem candidato

(a presidente). Não sou como Lula, que está destruindo os partidos, o PSOL, o PCdoB, o PSB, porque, para o Lula, tem que ficar o PT sozinho. O único partido progressista que resiste a esse assédio é o PDT, já desde antes, com o Brizola”, disparou.

“Eu respeito muito e quero que o PSD tenha o tempo dele. Gostaria muito de ter esse apoio, mas respeito o tempo deles”, afirmou Ciro.

Sobre as articulações no plano nacional, Ciro disse, também, que é preciso “paciência, paciência e paciência”. Segundo o pré-candidato, as articulações são conduzidas por Lupi.

Ao lado de Ciro, o presidente do PDT afirmou que, no momento, “todo mundo conversa com todo mundo” e garantiu que Ciro será candidato em outubro.

PDT/Divulgação



Ciro Gomes espera um acordo nacional com o PSD de Kassab